

**O ATRASO DA INSERÇÃO DA GEOGRAFIA HUMANA NO  
PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

**THE DELAY OF THE INSERT OF THE HUMAN GEOGRAPHY IN THE  
GEOGRAPHICAL THOUGHT**

**PUPIM EDUARDO, GIAVARA EDUARDO**

**RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo buscar a historicidade da Construção da Geografia, desde sua gênese, marcada pelos grandes acontecimentos na história da humanidade ao longo dos séculos. Tal pesquisa tem como propósito propiciar que se venha a apreender, dos motivos pelos quais, segundo alguns autores, a Geografia Humana se faz tardiamente, provocando certa demora na inter-relação homem-natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia; Sociedade; Homem-Natureza.

**ABSTRACT**

This work aims to seek the historicity of Construction of geography, since its genesis, marked by major events in human history over the centuries. This search is to provide that they will learn, the reasons why, according to some authors, the Human Geography is late, causing some delay in the inter-relationship-man nature.

**KEYWORDS:** Geography; Society; Human-Nature.

## INTRODUÇÃO

Os riscos ambientais, climáticos, sociais e econômicos tornaram-se preocupações obrigatórias na vida das pessoas e das empresas. Por isso, já é passada a hora de avançarmos do estágio da preocupação para o da conscientização efetiva: pessoas, entidades e empresas não podem mais ignorar suas responsabilidades sociais, econômicas e ambientais. Essa consciência é fator determinante para assegurar o futuro da humanidade e do Planeta.

A restauração do equilíbrio do Planeta tem que ser vista pelo homem de uma forma que este entenda que os riscos ambientais ocasionados pela ação humana no meio ambiente estão provocando alterações substanciais na natureza. As conseqüências estão sendo as respostas desta, em forma de crescentes catástrofes, as quais estão de maneira explícita colocando-o ao mesmo tempo como: “agressor e vítima” do meio ambiente. Convém ressaltar que, apesar da clareza em que os fatos estão sendo expostos, o ser humano parece enxergar, mas não ver; entender, mas não agir; de forma a permitir suas ações com sustentabilidade.

É de se verificar que a questão vem sendo vista mais de uma maneira “afetuosa”, ou seja, fala-se em reciclagem de lixo, poluição das águas, desmatamentos, entre outros. Porém, num sentido carinhoso para com a Terra; mais num sentido social que essencial à vida; e isso, faz com que o individuo ora colabore, ora não, de maneira aleatória. Por iguais razões, ressalta Ratzel (1844-1904), que o homem: “É um ser terrestre, que tem a Terra como “mãe provedora”, “sua morada”, enfim, como suporte de sua vida”. (*apud.* MORAES 1990. p.11).

O efeito da atividade humana sobre o meio ambiente tem sido evidente e cada vez maior, por falta de uma ação efetiva pretérita, que não fora despertada pelos geógrafos. Fato esse, que se tornou polêmico a partir da segunda metade do século XX.

As palavras de Jean Brunhes (1910) chamam a atenção de Santos em 1978, em que afirma: “A geografia humana ainda não está feita, temos ainda de fazê-la”. (SANTOS, 1978 p.17-18), considerando que Santos faz essa observação em 1978 e hoje se busca com veemência uma solução para os

problemas ambientais, pode-se perceber que geografia é uma ciência interminável e sempre estará em construção, à medida que a sociedade se constrói. Em sua opinião, quando se propõe à criação de um novo conceito ou paradigma, à primeira vista pode parecer uma enorme pretensão; e sugere que tudo está sujeito ao movimento de renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se.

Segundo as observações de Santos, vivemos uma fase em que mudanças revolucionárias vêm ocorrendo no comportamento social influenciando as doutrinas.

Indubitavelmente, a Geografia vem sendo posta como que responsável direta ou indiretamente pela questão homem-natureza no que se refere ao meio ambiente. De certa forma, com um fundo de razão, se pensar no que mencionou Hare (1980), “[...] a habitabilidade do planeta esta ameaçada”. Em coletânea que reuniu vários estudiosos que abordaram os principais problemas mundiais, encerrando o capítulo com a afirmação: “Nós acreditamos que nenhum outro grupo engajado na pesquisa geomorfológica esta tão bem qualificado para lidar com o fator humano como estão os geógrafos”. (GREGORY, 1992, p.213-15).

Não obstante, a Geografia tenha uma participação direta à questão, e, com efeito, ser a disciplina mais apropriada a tratar desta interação homem e natureza, necessário se faz antes de se tecer uma crítica, de uma ponderação prévia, e uma análise mais coesa de sua historicidade para assim perceber os devidos motivos que a levou a esta postura. Principalmente quando se tem conhecimento das palavras de (SILVA, 1994, p.3) onde diz: “É preciso que saibamos conceituar cientificamente a história para não cometermos o erro de transformá-la em instrumento doutrinário que justifique falseamentos ideológicos por vezes irreparáveis”.

### **Geografia, Trajetória e Construção:**

Diante das observações por diversos autores à demora da Geografia Física em relacionar a magnitude do impacto humano à natureza, impende-nos observar que isso não se deu por descuido ou descaso da geografia e sim, pelo fato, de a mesma desde sua origem, estar como todas as demais ciências, doutrinas, ideologias entre outras, ligada a uma dinâmica de construção social

que também caminhava numa mão única homogênea, em busca de conhecimentos, descobertas, ideologias, entre tantas, numa corrente de pensamentos e ações que se desenvolviam temporalmente. Isso fazia com que as descobertas fossem inerentes às necessidades que surgiam nos momentos vivenciados. Neste sentido, não havia razão para que uma doutrina ou disciplina buscasse conhecimentos que não fossem diretamente ligados aos interesses dessa corrente humana que caminhava se construindo e construindo o mundo, social e materialmente.

À Geografia, coube um papel tanto quanto mais elaborado nessa construção, uma vez que, nas palavras de Moraes (2005, p.31):

Esta definição do objeto apóia-se no próprio significado etmológico do termo Geografia – descrição da Terra. Assim, caberia ao estudo geográfico descrever todos os fenômenos manifestados na superfície do Planeta, sendo uma espécie de síntese de todas as ciências.

Com essa perspectiva, somada aos anelos do homem em explorar a Terra, como observou (COATES,1973, p.3), “[...] anteriormente a 1900 o homem possuía visão hostil da Terra; sua necessidade era a de conquistar e dominar a natureza.” (*apud.* GREGORY, 1992, p.189), a Geografia então, passou a ser utilizada pelos mais variados segmentos da sociedade principalmente por grupos de interesses e poder como podemos observar em Santos, (1978. p.31), “Nascida tardiamente como ciência oficial, a geografia teve dificuldades para se desligar, desde o berço, dos grandes interesses. Estes acabaram carregando-a consigo.”

Somadas a estas questões, viriam a acrescentar conceitos e ideologias emergidas na sociedade que, de certa forma dificultavam tanto em elaborações como nas difusões de pesquisas e descobertas, por conta de ideologias teológicas, mitos e fetiches. No entanto, no pensamento de Santos (1978), a implantação de mera renovação de conceitos em geral é inerente a riscos necessários. E cita um comentário de Beltrand Russel, (1965) que diz: “qualquer doutrina dotada de alguma coerência é, seguramente, pelo menos em parte, penosa e contraria aos preconceitos correntes”. (*apud.* SANTOS, 1978, p.24). E completa o pensamento afirmando que quando se dispõe a

mostrar tais preconceitos, o fato torna-se também político porque erros numa ciência comprometida, beneficiam a certos grupos de interesse.

E, partindo dessa premissa, é sobretudo importante observar que, segundo Moraes (2005), o rótulo Geografia é, portanto, bastante antigo, e remonta a antiguidade clássica do pensamento grego com Heródoto (484-425 a.C.), pensador, geógrafo e historiador e Estrabão (63 a.C – 20 d.C), geógrafo. E, a partir de então, dada à magnitude e diversidade dos fenômenos pertinentes ao planeta Terra, a Geografia construiu uma espécie de elo entre várias doutrinas e disciplinas como: matemática, física, botânica entre outras, mas principalmente a filosofia, cuja teoria teve fundamental importância em sua formação tanto geográfica quanto social.

Assim, nas páginas de Moraes, muito do que hoje se entende por Geografia, não era apresentado com esse rótulo, quadro que se mantém inalterado até o final do séc. XVIII. Até o final deste século, designava como Geografia, relatos de viagens escritos em tons literários, compêndios de curiosidades sobre lugares exóticos; áridos; relatórios estatísticos de obras de administração; obras sintéticas agrupando conhecimentos a respeito de fenômenos naturais; catálogos sistemáticos sobre os continentes e os países do globo entre outros, tratando-se de todo um período de dispersão do conhecimento geográfico, num conceito não sistematizado e particularizado.

Neste sentido, a Geografia vem se construindo, incorporando um cabedal de conhecimentos resultantes de importantes acontecimentos históricos que segundo Moraes, (2005), eram necessários serem estudados para uma visão de conjunto do globo.

A objetivação dessas condições começa a emergir com o início da expansão européia no quinhentismo. A descoberta e incorporação de novas terras, as primeiras viagens de circunavegações e as expedições exploradoras estabelecem a representação realística do planeta em meados do séc. XVII, fazendo com que o ecúmeno passe no decorrer de alguns séculos a abarcar toda a superfície terrestre. A consciência mundializada foi o patamar da sistematização geográfica. A expansão marítima, os descobrimentos, a posterior apropriação de novas terras do globo, é parte ativa do processo de transição do Feudalismo para o capitalismo, e manifesta um alargamento do horizonte espacial (sobretudo comercial) europeu. O progresso da exploração

colonial exige um conhecimento mais apurado de outros territórios e condições ali reinantes, incluindo padronização, catalogação, classificação inerentes às atividades das colônias, e, além desses materiais, somam-se os desenvolvimentos dos meios de representações cartográficas, que se constituem num instrumento essencial que se agrega à geografia, cujo aprimoramento das técnicas de impressão melhora as aferições empíricas de viajantes, dando-lhes uma teoria geográfica nas crônicas dos viajantes naturalistas dos setecentos. Tal situação plenamente alcançada no séc. XVIII é o já anteato do processo de sistematização da Geografia.

Com efeito, as várias ciências dedicadas ao estudo da natureza conhecem um desenvolvimento extraordinário nos séculos XVII e XVIII. Os avanços explicativos relativos aos fenômenos naturais expressos na paisagem foram mais significativos.

A Botânica, a Zoologia e a Geologia sistematizam-se nesse período com as informações oriundas das novas terras. Esse desenvolvimento apesar dos fenômenos específicos, o pensamento não isola os estudos laboratoriais. Ao contrário, a tônica sintética e integradora domina a produção do conhecimento. Isso se deveu ao não distanciamento entre as ciências e a filosofia, cujos pensamentos encontravam-se intimamente entrelaçados e buscava-se o conhecimento do mundo para abastecer as argumentações especulativas aos conhecimentos até então integrados ao caráter empírico. A razão como natureza humana, buscava compreender a natureza, para se compreender a natureza humana.

A história natural, a fisiologia a anatomia, são, portanto a formulação explícita que constituíram os pressupostos da geografia moderna. (MORAES, 2005, p. 22).

A filosofia, no entanto, é uma importante aliada à Geografia, tendo uma participação efetiva em sua construção tanto em seu caráter tradicional quanto em sua postura de geografia moderna, com o início do séc. XIX na Alemanha, marcada pelas particularidades do desenvolvimento capitalista neste país. Entretanto, por tratar-se de um conjunto dos estudos ligados à compreensão dos fundamentos dos valores humanos bem como os princípios que regem sua conduta, os conceitos filosóficos, foram importantes ferramentas nas criações de ideologias e comandos sociais.

Por conseguinte, o que foi criado como filosofia, segundo Viviane Mosé (Café Filosófico 30.06.08 TV. Cultura), o cristianismo adota como religião se utilizando das idéias inatas formuladas por Platão (427-347 a.C), segundo a qual todo conhecimento são inerentes e inato ao ser humano, ou seja, já nascem com o indivíduo, teoria que fora adotada pela religião e acrescida por esta que o conhecimento vinha do divino. Pensamento este que perdurou até o séc.XVII, quando fora retomado por René Descartes (1596-1650) e derrubada por John Locke (1632-1704) em sua afirmação de que todo conhecimento deriva da experiência. Fato que lhe inspirou a criação da “teoria da tabula rasa”, uma crítica à doutrina das idéias inatas formulada por Platão. Estava então criado o “empirismo”, doutrina segundo a qual, “todo conhecimento deriva da experiência”. (WELFORT, 2004, p.83). E serviu de embasamento na construção das diversas disciplinas; no entanto, alimentou também o pensamento teológico que de certa forma atuou como um freio às pesquisas científicas. Um exemplo é o caso de Galileu Galilei (1564-1642) cuja defesa da teoria de Nicolau Copérnico (1473-1543) de que o Sol e não a Terra era o centro do sistema solar, lhe rendeu duras sanções impostas pela igreja católica em 1616. (YENNE, 2002, p.106).

Sobretudo, nas paginas de (Moraes, 2002), a pesquisa empírica não era oposta à divagação abstrata, antes se integravam num discurso unitário. A Geografia então continua se servindo das importantíssimas contribuições de renomados filósofos, alimentadores do processo de sistematização da Geografia, em sua transição à Geografia moderna, entre tantos, se apresentam Montesquieu (1689-1775) que relacionou o relevo com a índole dos povos; Rousseau (1712-1778) que relaciona formas de governos com extensão de territórios; também nas obras filosóficas de síntese, nutrem a Geografia as importantes teorias de Kant (1704-1804), Hegel (1770-1831) e Herder (1744-1803), bem como as premissas de grandes geógrafos que trabalharam arduamente e se tornaram os principais articuladores do processo de transição da geografia tradicional à Geografia moderna.

A grande eclosão da Geografia, no entanto, segundo Moraes, deu-se ao pensamento alemão; uma vez que quase todos os geógrafos do séc. XIX eram prussianos. Porém, o maior mérito é de Alexandre Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859), que dividem o papel de pioneiros do processo de

sistematização da Geografia, sendo por isso considerados fundadores da Geografia moderna. Assim, a Geografia vem caminhando e se construindo paralelamente a uma corrente de construção social, comercial, econômica e desenvolvimentista, principalmente oriunda da Europa, que saem numa disputa de conquista de produção, mercados e serviços.

Esses avanços geraram grandes movimentações sociais que se tornaram marcos na história da humanidade, principalmente no séc. XVIII com a Revolução Industrial (1780), contemporânea à Revolução Francesa (1789), e foi nas palavras de Hobsbawm, (1989, p.52,) “Sob qualquer aspecto, este foi provavelmente o mais importante acontecimento da história do mundo, pelo menos desde a invenção da agricultura e das cidades” e foi criado pela Grã Bretanha.

Diante desse quadro, a Geografia como doutrina, cujas características, apresentavam perfis tanto filosóficos, quanto científicos e ideológicos, encaixava-se perfeitamente a todos os segmentos, tanto políticos, interesses expansionistas de conquistas de terras novas, necessidades de matérias primas para a indústria; ideologias capitalistas que urgia remediar o excesso de produtos e capitais, bem como sopitar crises econômicas dos países envolvidos; foi, no entanto, utilizada representando um papel importante nessa transformação. (SANTOS, 2004). E, nas palavras do autor, a Geografia teve desde o berço, dificuldades para se desligar dos grandes interesses. Uma das grandes metas conceituais da Geografia foi justamente de um lado, esconder o papel do estado nas questões sociais, bem como o das classes, na organização da sociedade e do espaço. Ainda no pensamento de Santos, os geógrafos dividiram seus pontos de vista. De um lado aqueles que lutavam por um mundo mais justo com o objetivo de oferecer ao homem mais igualdade e felicidade. Por outro lado, aqueles que preconizavam o império do capital e aqueles mais humanistas que não conseguiram construir uma ciência geográfica, conforme seus desejos.

Segundo Santos (2004), desde os tempos históricos o homem construía seus instrumentos de trabalho com as próprias mãos e era um prolongamento de seu corpo, era assim que ele imprimia sua marca à natureza, à necessidade de troca de excedente, esses instrumentos foram se tornando maiores, deixando de ser um apêndice do homem para ser um apêndice da própria

natureza, provocando mudanças substanciais na paisagem de cada região. Esse passou a ser o panorama que se iniciou como um processo de degradação ambiental do Planeta, iniciado com a Revolução Industrial, quando a tecnologia começou a usar recursos naturais. E conforme menciona Hobsbawm, (1989. p. 50), *“Pela primeira vez na historia da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante e até o presente ilimitada, de homem, mercadorias e serviços”*. A política já estava engatada ao lucro. Cujo dinamismo foi mecanizando o campo e criando grandes centros urbanos, futuros colaboradores a alterações ambientais em potencial.

A Geografia, entretanto, vem caminhando à medida que caminha a humanidade e sua evolução, perpassando conhecimentos de acadêmicos e estudiosos que adquiriam conhecimentos e se desenvolviam dentro de um raciocínio gerado há seu tempo, buscando soluções para ocorrências que iam surgindo e se apresentando, para os mais recentes que iam geralmente se interando dos pensamentos aprofundando e aprimorando-os, numa seqüência bem ordenada.

Assim, pode se dizer que se trabalhavam embasados em fatos ocorridos e não o devir. Assim, no século XIX, outro grande acontecimento marca a história da humanidade. Na presença do filosofo francês Auguste Comte (1798-1857), que se dedicou a partir de 1817 em trabalhos visando à reorganização da sociedade. E, embasado em antecessores como Bacon (1561-1626), Galileu (1564-1642) e René Descartes (1596-1650), cria a Filosofia Positivista (Positivismo), teoria cuja finalidade é abandonar as causas dos fenômenos (teológicos e metafísicos), passando suas leis à pesquisas, entendido como fenômenos observáveis. Um conhecimento que se caracteriza pela previsibilidade: *“Ver para prever”*, lei do positivismo. Em suma, o positivismo, segundo Comte, instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do determinado e do útil. Marcaria a passagem do poder espiritual para as ciências, e do poder material para os industriais. Resulta então na observação do objeto, transformando o conhecimento empírico em epistemológico, fazendo com que um maior número de pessoas fosse engajado, (COMTE, 1978). Sem dúvida o pensamento positivo foi um marco da

era das ciências que, a partir de então o mundo conheceu grandes avanços de pesquisas e descobertas.

O século XIX, no entanto, foi marcado como propulsor do desenvolvimento político e social e, praticamente, é tido como referência de todo conhecimento epistemológico. A Geografia contou com grandes nomes e avanços nessa época principalmente da Alemanha num momento em que o cientificismo domina todo o ambiente cultural europeu.

Essa supremacia deveu-se principalmente pelo fato da Alemanha, não tendo participado da partilha do mundo no período de colonização, investiu maciçamente na educação de seu povo, criando grandes intelectuais nas diversas áreas: política, econômica e principalmente tecnológica. Contudo, se põe antagonicamente ao pensamento napoleônico, gerador da Revolução Francesa, cujo objetivo era a ordenação do Estado e da Sociedade, no sentido dos interesses do domínio capitalista; manifesta um momento de organização da sociedade e da burguesia recém instalada no poder. (MORAES, 2002).

Ainda no discorrer de Moraes, o movimento francês foi visto como um iminente perigo, que colocava em risco toda a ordem social alemã dominada por resquícios feudais, que não havia se unificado como um estado federado vigoroso, e se mantinha fragmentada em grandes e poderosas cidades-estado como Prússia, Áustria, Baviê, Renânia entre tantas, sedimentadas por consequência dos movimentos da reforma e guerras camponesas do séc. XVI que geraram grandes discórdias e dualidades de pensamentos. Enquanto a reforma fomenta antagonismos às idéias de Lutero, provocando a guerra entre os príncipes protestantes e, propugnava ajustes e arranjos das classes dominantes, antes marcadas na ordem feudal, as guerras camponesas inserem-se num movimento de ascensão e afirmação de novas relações mercantis, gerando um embate de classes. (MORAES, 2002).

Na época da derrota de Napoleão em Waterloo em 1815 os mais de trezentos estados alemães que existiam na idade média haviam se resumido em 39. Entre eles, havia nações poderosas como: Áustria e Prússia que competiam para serem voz dominante numa futura Alemanha unida. A Prússia acabou emergindo como o mais poderoso dos estados germânicos, tudo com o maestro Otto Von Bismark (1815-1898) conhecido como “Chanceler de Ferro”, cujo ambiente militar lhe era familiar desde criança. Assim com o militarismo e

o belicismo, caracteriza-se a organização social prussiana tornando a argamassa da unidade social. (YENNE, 2002. p.151).

Concomitante a esses fatos, desponta o grande geógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904), que representou um papel fundamental na sistematização da geografia moderna, cujas obras emergiam originárias manifestações do positivismo de Comte, no campo do conhecimento científico. (MORAES, 1990).

Ratzel dividiu a geografia em três grandes campos de pesquisas: A geografia física, a Biogeografia e a Antropologia. Moraes (1990), considerado, portanto o pioneiro em inter-relacionar o homem e o meio. Foi exatamente à Geografia do homem que Ratzel dedicou a maior parcela de seu trabalho, e envolve e se dedica muito também em trabalhos sobre a geografia política, sendo a partir de suas colocações que desenvolveu a geopolítica.

Pode-se, no entanto dizer que, sua contribuição à Geografia foi importantíssima e relaciona as sociedades e as condições ambientais, suas colocações alimentam ainda mais dois campos de pesquisa humana; a Antropologia e a política.

Seu trabalho tratou-se de uma concentração de pensamentos ideológicos e pesquisas de estudiosos pretéritos e atuais de sua época das mais diversas áreas cujas idéias foram filtradas em seu conceito, para as quais não faltaram críticas ou elogios. Suas principais fontes embasaram-se na filosofia, na história, e em grandes nomes desde Herder, Kant a geografia comparada de Ritter, a filosofia de Comte, ecologia de Haeckel entre outros.

A estratégia imperial Bismarkiana é plenamente assumida por Ratzel, aparecendo em suas colocações sobre as relatividades das fronteiras, ou sobre a naturalização das guerras. (MORAES, 1990). Para Ratzel, “as condições naturais são entendidas como estímulos ou freios ao desenvolvimento dos povos” Moraes (1990, p.21).

O império feito pela recente união dos países alemães sob o cetro do rei da Prússia, se encontra em plena ascensão nas hierarquias das grandes potências, mas um pouco estreito em suas fronteiras. As adições recentes de territórios, adquiridos às expensas da Dinamarca e França, não satisfazem o apetite alemão, “[...] os alemães sentem profundamente a maleabilidade política do espaço, as vantagens de sua posição no coração da Europa, e estavam um pouco agitados por seus sucessos recentes, pela consciência [...]”

de sua capacidade política [...]”, Ratzel dá um traço científico a esta consciência. (Gottmann, *apud*. MORAES, 1990, p.20).

O trabalho de Ratzel, dada sua importância, causou, portanto, certo incômodo ao pensamento francês que, através de Vidal de La Blache e seus discípulos, denominam a ação do meio sobre o homem proposta por Ratzel, como determinismo e criam o possibilismo, cuja teoria o homem pode mudar o meio em seu benefício.

Para Santos, esses termos antes durante e depois deste debate, puderam ser utilizados sem corruptela e acrescenta: “*Essa querela serviu apenas para retardar a evolução da geografia*”. E a noção de possibilismo por isso mesmo, jamais consegue desenvolver-se de maneira satisfatória. (SANTOS, 1978, p.44).

## **Conclusão**

Enfim, após ter percorrido a trajetória da geografia desde suas origens, pode-se perceber que ela vem se moldando em torno de uma sociedade que se constrói, sem, portanto, poder formar um conceito próprio, e os geógrafos, destarte, vem trabalhando à medida que os fatos vêm ocorrendo nos devidos tempos, e assim, incorporando-os numa visão geográfica e vice versa, tornando claro que a geografia não trabalha com o devir e sim com fato em si. Por essa razão, quando Santos (p.17) cita como referência as palavras de Jean Brunhes(1910), que a geografia ainda não está feita, temos ainda que fazê-la, é de se perceber que a geografia em si é uma ciência inacabada e por certo estará sempre em construção enquanto existir Planeta e sociedade.

Assim, percebe-se que da segunda metade do séc. XX, até nossos dias se faz necessário uma ideologia ou doutrina ou que nome se dê, mas que realmente traga uma solução plausível às questões ambientais hoje presente e carente de urgentes soluções. É notório que se faz necessário um engajamento de idéias para que se traga à humanidade um espírito de consciência para a utilização do Planeta; com sustentabilidade. A esse respeito comenta Hare(1980), “...os geógrafos precisam trabalhar intimamente com engenheiros e geólogos a fim de partilhar com eles tais conceitos de grandes amplitude, como análise espacial e a ênfase sobre a interface homem-

*terra. Esses conceitos são endêmicos na geografia, mas podem bem ser estranhos a outros pesquisadores.”( apud. GREGORY, 1992, p.215).*

Atualmente, de acordo com o texto de Lívia de Oliveira, (2004, p.129-52), muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos em torno do assunto, e um grande número de geógrafos estão se empenhando no sentido de buscas de uma solução. Trabalhos interessantes como: “Visão Holística, Percepção Cognitiva” entre outros estão sendo trabalhados e apresentados em Fóruns com participação de geógrafos e meios empresariais no sentido de soluções para a utilização do Planeta com sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). 320 p.

GREGORY, Ken J. *A Natureza da Geografia Física*. Trad. Eduardo de Almeida Navarro; Revisão Técnica – Antonio Christofolletti. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil S/A, 1992.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções - Europa 1789 – 1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MELLO, Leonel I. A. John Locke e o individualismo liberal. In: WELFORT, Francisco. (Org.) *Os Clássicos da Política*. 13. ed. V.1. São Paulo: Ática, 2004. p. 80 – 110.

MORAES, A. C. Robert. *A Gênese da Geografia Moderna*. 2. ed. São Paulo: Hucitec – Edusp, 2002. 285 p.

MORAES, A. C. Robert. *Geografia Pequena História Crítica*. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 150 p.

MORAES, A. C. Robert. (Org.) *Ratzel*. São Paulo: Ática S/A, 1990. 199 p.

MOSÉ, Viviane. *Café Filosófico*. TV. Cultura, 30.07.08.

OLIVEIRA, Livia. Percepção, Cognição, Dimensão Ambiental e Desenvolvimento com Sustentabilidade In: VITTE, A. C. Guerra. (Org.). *Reflexos Sobre a Geografia Física no Brasil*. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2004. p. 129 – 52.

PARAGUASSU, Léo. *Dicionário Enciclopédico Formar*. 11 ed. São Paulo: Ed. Formar Ltda. 1968.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. 6. ed. São Paulo: Edusp. 2004. 285 p.

SEVERINO, Antonio. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 335 p.

SILVA, Francisco. A. *História Geral*. História Antiga e Medieval. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994. 160 p.

YENNE, Bill. *100 Homens que Mudaram a História do Mundo*. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2002. 230 p.